

Uma Exposição memorável

por Mário Soares

1. Não fui à inauguração da Exposição, realizada em boa hora pela Fundação Gulbenkian, graças ao impulso dado pelo seu Presidente, Rui Vilar, para comemorar os duzentos anos do nascimento do grande naturalista inglês, Charles Darwin, em 12 de Fevereiro de 1809. Nas inaugurações é sempre difícil ver uma exposição com olhos de ver, quer dizer: com tempo de reflexão. As pessoas que lá vão, é mais para serem vistas do que para verem... Mas fui, na manhã de sábado 14, com imensa gente a visitá-la e, sobretudo, muitas crianças maravilhadas com os animais vivos que lá estão, trazidos do Jardim Zoológico de Lisboa – uma excelente parceria – e os desenhos, esqueletos de variados animais, gráficos e esquemas, bem como fotocópias de rascunhos do próprio punho de Darwin, feitos durante a sua viagem à volta do mundo, no famoso “Beagle”, que também lá está reproduzido, que durou 5 anos e em que concebeu a tão polémica e hoje tão decisivamente importante para a Ciência, “teoria da origem das espécies”.

Tive a sorte de encontrar o meu amigo João Caraça, director do Serviço Científico da Fundação Gulbenkian, que se prestou amavelmente a fazer de cicerone ultra qualificado, chamando a minha atenção para o significado das observações rigorosas feitas durante a viagem de Darwin – onde estudou espécies zoológicas e vegetais dos cinco Continentes – e concebeu a ideia tão inovadora da evolução natural. João Caraça, como cientista e visionário, que também é, acaba a nota sobre a “evolução permanente”, ínsita no Catálogo da Exposição, com estas palavras extremamente optimistas, em tempo de desânimo: “Despertando uma nova consciência colectiva poderemos fazer da próxima década e meia um período tão portentoso como os anos que correram entre 1859 a 1873 (tão produtivos para Darwin e para a Ciência). É este o objectivo que nos anima”.

Outro texto que antecede o excelente catálogo é da autoria do professor José Feijó, o Comissário da Exposição, a quem fui apresentado por João Caraça e que, afinal, já conhecia visto, há muitos anos, ter sido professor do Colégio Moderno. É um texto que parte de 24 de Novembro de 1859, data em que Darwin publica a Origem das Espécies. Tinha-o ouvido, dias antes, num excelente programa da RTP 2, “Câmara Clara”, de Paula Moura Pinheiro, em que participou também a sábia professora Maria de Sousa, minha querida amiga. Foram eles que despertaram a minha curiosidade para a Exposição da Gulbenkian, que demorou dois anos a organizar, que a seguir será levada a Madrid e outras cidades e que é a mais bem concebida homenagem que até agora foi feita aos duzentos anos de Charles Darwin. O que representa uma honra imensa para a Gulbenkian, para Portugal e para os cientistas portugueses.

Devo dizer que a figura de Darwin sempre me interessou imenso, desde jovem. Pela razão simples de Darwin – na expressão do professor José Feijó – “ter roubado o fogo aos Deuses, e desta feita era toda a criação bíblica, sustentáculo filosófico e cultural da civilização ocidental, da altura,

que estava em causa.” E daí as reacções contra Darwin – que era um homem extremamente moderado, lúcido e respeitador das crenças alheias, a começar pelas de sua Mulher, muito religiosa – sopradas pelos chamados criacionistas, anglicanos, católicos e outros, que afirmavam que a criação do homem tinha sido feita por Deus e à sua semelhança. “Cento e cinquenta anos passados – como escreve José Feijó – a teoria da evolução por selecção natural constitui hoje as fundações e o elo de ligação entre todas as disciplinas da Biologia. Estamos hoje mais próximos da selecção natural de Darwin do que estivemos ao longo do último século. Ela ajuda-nos a entender a organização dos genomas, assim como a prever as complexas relações da biodiversidade do nosso mundo. Permite-nos entender a evolução das doenças infecciosas e fornecer-nos ferramentas para as enfrentarmos. A nossa posição na Natureza e as relações entre os seres vivos possuem hoje explicações naturais para a Ciência e para quem a abraça, e todas passam por Darwin.”

Com efeito, depois das descobertas de Darwin, é difícil sustentar a ideia de que o homem foi criado por Deus à sua imagem e semelhança. Darwin, como antes havia sucedido com Copérnico e outros sábios dos séculos XVI e XVII – como Kepler, Galileu e Newton – modificaram a astronomia, a física, a química e mostraram que a terra não estava no centro do Universo mas, pelo contrário, rodava em torno do Sol, uma estrela semelhante a outras, às centenas de milhares, que existem no Universo... As marés, os eclipses e a posição dos Planetas podem ser compreendidos como resultado de causas naturais. Darwin, por seu turno, através da teoria da selecção natural e das correlações que existem entre os seres animais, vegetais e o homem, podem ser explicadas por fenómenos naturais, como consequência de leis imanentes, sem necessidade – para as explicar – de recorrer a agentes sobrenaturais. <sup>1</sup>

Fui, como disse, desde os meus tempos de aluno da Faculdade de Letras, em que estudei Filosofia e História, um entusiasta de Charles Darwin, em razão, talvez, do meu agnosticismo nascente. Nessa altura, li, com paixão, a biografia “A vida e a Obra de Darwin”, escrita pelo professor (demitido por Salazar) Alberto Candeias, de quem fui admirador e amigo. O livro, aliás, foi editado em 1941 e foi o 6º volume da Biblioteca Cosmos, de que foi director o professor Bento de Jesus Caraça. Um livro editado em 1941, no ano negro da ascensão do nazismo, da guerra que se seguiu – outra tragédia! – à guerra de Espanha. Era preciso que os homens da Biblioteca Cosmos, que criaram também a Universidade Popular e que, na sua maioria, pertenciam ao Grupo da “Seara Nova”, fossem de facto grandes resistentes, homens de ideal e com grande visão de futuro, para terem a coragem de lançar projectos culturais, contra a corrente do tempo, como fizeram.

Trinta anos depois, quando já vivia no exílio, em 1972, salvo erro, visitei vários países da América Latina, a pedido da Fundação Ebert, alemã e da Internacional Socialista, para contactar intelectuais e sindicalistas de formação socialista. Entre os Estados que visitei, passei pelo Equador e aí - em Quito, capital - tive por puro acaso, a oportunidade de visitar as Ilhas Galápagos, no Pacífico, que pertencem ao Equador, mas que são um parque natural científico, que só podem visitar cientistas ou curiosos da Ciência e da História (como era o meu caso). Estive lá uma semana, viajando sozinho, de ilha para ilha, e só podendo sair com múltiplos cuidados sempre acompanhado

---

<sup>1</sup> Vide Charles Darwin – Autobiografia e cartas escolhidas, seleccionadas por Francis Darwin, seu filho, Alianza Editorial, Madrid, 1987.

por monitoras, que sabiam tudo sobre Darwin e todos os dias nos faziam exaustivas explicações. As ilhas são muitas, tanto no hemisfério norte como no sul. Têm um clima paradisíaco e animais fantásticos. Darwin esteve em quatro ilhas, apenas e, ao todo, pouco mais de um mês, salvo erro. Mas foi lá que concebeu e consolidou as suas ideias sobre a selecção natural.

Calculem, portanto, o prazer - e a atenção - com que visitei, há dias, a Exposição aberta no dia 12 na sede da Fundação Gulbenkian. É uma exposição pioneira, que vai ser visitada por muitos cientistas e curiosos. Incito-vos, caros leitores, que não a percam e que levem os vossos Filhos e Netos...

Quanto a Darwin, morreu em 19 de Abril de 1882, cercado de homenagens oficiais e anglicanas e repousa na Abadia de Westminster, no centro de Londres, onde jaz também Isaac Newton.

2. A crise global está a aprofundar-se todos os dias e por todos os cantos do nosso Planeta. Implica, como tenho dito e repetido, uma ruptura do sistema capitalista financeiro-especulativo - que chegou ao fim, como há quase vinte anos sucedeu com a implosão do universo comunista - donde sairá um novo modelo de desenvolvimento económico, social e ambiental, sustentável, capaz de vencer a crise.

Lembre-mo-nos, contudo, onde nos levou a grande crise de 1929: a uma crise profundíssima da democracia europeia e americana, que começou com a guerra civil espanhola (1936-1939) e com a ascensão dos regimes totalitários fascistas, nazis e comunista soviético (não esqueçamos o Pacto germano-soviético de Hitler e Estaline, de 1939) que, derrotada a França, deixou a Inglaterra de Churchill, como a única democracia em campo, a resistir. Valeu-nos a circunstância feliz (que agora se repetiu com Obama) de Franklin Delano Roosevelt, ter ganho as eleições presidenciais, em 1933 e depois em 1937 ter contribuído decisivamente, até 1945, ano da sua morte, exausto pela doença e pelas pesadíssimas responsabilidades dos anos de guerra. Foi o político, com Churchill, da Carta do Atlântico e que deu, ainda, o impulso inicial para a criação das Nações Unidas.

Ora, assim como a grande crise de 1929 nos levou muito perto do abismo, que seria a vitória do nazismo, a actual crise global, mais ampla do que a de 29 - esperemos que não aconteça - pode pôr em causa a democracia, tal como a vivemos, as sociedades de bem-estar, de justiça social (ainda que relativa) e de liberdade... Não o esqueçamos! É por isso que - fixemo-nos em Portugal - os nossos políticos, democráticos, de todos os Partidos, têm o dever de ser responsáveis e prudentes. Para benefício deles próprios, dos seus Partidos e de Portugal.

Sucede que sendo o ano de 2009 um ano extremamente difícil, no plano económico e social - como toda a gente já percebeu - é também um ano de eleições. O que pode ser uma mistura altamente explosiva, se não houver bom senso. Não se pode ignorar que a crise é global e só - em consequência disso - é que chegou a Portugal. Não é, portanto, da responsabilidade do Governo em funções, nem dos Partidos da Oposição, sejam de Esquerda ou de Direita. É fácil, convenhamos, apontar o dedo ao Primeiro-Ministro e gritar: "Aí está o rosto da crise!" Mas não é verdadeiro nem justo. Tenhamos em conta que o Povo Português não é estúpido e tem já a sabedoria de quase 35

anos de Democracia. Sejamos pois sensatos e responsáveis, sem deixarmos de nos bater pelos nossos ideais. É útil para todos. E acima de tudo, para Portugal.

Lisboa, 17 de Fevereiro de 2009